

# O conceito de informação, memória e sociedade à luz da análise de conteúdo: um estudo das obras de Bauman e Milton Santos

*Irma Carvalho de Oliveira Souza*  
*irma.oliveira@ufca.edu.br*

*Alexandre Pereira de Souza*  
*alexandre.alembert@ufca.edu.br*

*Marynice M. M. Autran*  
*marynice.autran@gmail.com*

*Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira*  
*bernardina.oliveira@academico.ufpb.br*

Recebido em: 08/12/2022  
Aceito em: 20/05/2023

## Resumo

Trata-se de um estudo exploratório, cuja técnica de análise utilizada tanto para coleta, quanto para a análise dos dados, foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010). Para atender ao objetivo central desse estudo, que consiste em analisar as categorias Informação, Memória e Sociedade à luz das obras: Tempos líquidos, de Sigmund Bauman e Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, de Milton Santos. A partir da análise, chegou-se ao seguinte resultado: Capital, capitalismo, comércio, comunidade, cultura, desordem, estado, globalização, identidade, individualismo, informação, medo, memória, mercadorias, pobreza e sociedade. Foram os termos que mais se repetiram durante o processo de análise das citações. Assim, com base nesses termos, chegou-se à seguinte conclusão, a informação é o elemento fundamental no processo de globalização e que o uso inadequado desta, aumenta a sensação de insegurança e desordem social, haja vista o caráter individualista da sociedade contemporânea. Assim, a construção da identidade dá-se a partir do conhecimento da cultura local, bem como da ideia de pertencimento. Por outro lado, as ações violentas do estado, bem como sua tentativa de se eximir de certas responsabilidades, conduzem a comunidade a uma vida baseada no medo, já que uma característica marcante é a internacionalização do capital financeiro, através da comercialização de mercadorias, produtos e serviços, gerados por grandes empresas multinacionais.

**Palavras-chave:** informação. memória. sociedade. análise de conteúdo

# *The concept of information, memory, and society in the light of content analysis: a study of Bauman's and Milton Santos' works*

## **Abstract**

*This is an exploratory study, whose analysis technique used both for collection and for data analysis was Content Analysis. To meet the central objective of this study, which is to analyze the categories of Information, Memory, and Society in the light of the works: "Liquid Times", by Sigmund Bauman and "For another globalization: from a single thought to universal consciousness", by Milton Santos. The following results were obtained: Capital, capitalism, commerce, community, culture, disorder, globalization, identity, individualism, information, fear, memory, poverty and society. These were the terms that were most repeated during the citation analysis process. Thus, based on these terms, the following conclusion was reached: information is the fundamental element, the globalization process and its inadequate use increases the feeling of, and social disorder, given the individualistic character of contemporary society. Thus, the construction of identity is based on knowledge of the local culture, as well as the idea of belonging. On the increased hand, the violent actions of the state, as well as its attempt to exempt itself from certain responsibilities, lead the community to a life based on fear, since a striking feature is the internationalization of increased hand capital, through the marketing of goods, products, and services, generated by large multinational companies.*

**Keywords:** information. memory. society. content analysis

## **1 INTRODUÇÃO**

Pensar no processo de constituição de conceitos, é antes de mais nada uma atividade complexa. Nesse sentido, a disciplina Informação, Memória e Sociedade, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI, da Universidade Federal da Paraíba, oportunizou refletir sobre aspectos pertinentes sobre as atuais circunstâncias globais.

Durante a disciplina, fomos apresentados a textos diversos que abordaram conceitos clássicos de "Globalização", "Identidade", "Sociedade", "Memória", entre outros, contudo, o objetivo central deste artigo é apresentar um conceito de Informação, Sociedade e Memória, a luz da análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin, considerando os textos de Bauman e Milton Santos, trabalhados durante a disciplina.

Para tanto, traçou-se como estratégia, o mapeamento dos termos que mais se repetiram, através dos fichamentos solicitados na disciplina, bem como, a categorização dos termos para elaboração do mapa conceitual e por fim, a apresentação dos conceitos pertinentes. Conforme dito anteriormente, o estudo adotou além da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010), a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório.

O estudo em tela se justifica pela necessidade de melhor compreender a aplicação prática dos termos “Informação, Memória e Sociedade” que nominam a disciplina. Neste sentido, tal aplicação pode ser observada através do aprofundamento de nossa compreensão sobre, o cenário político dos últimos seis anos, onde a cultura da propagação de notícias falsas, as chamadas “*Fake News*”, tem se tornado cada vez mais constantes e se mostrado extremamente prejudiciais a compreensão do próprio conceito de sociedade e seus significados práticos, ou seja, o que significa viver em sociedade e suas implicações, além dos desajustes provocados no entendimento individual e coletivo dos termos Informação e Memória. Sendo o direito ao acesso a informação e a liberdade de expressão, confundidos, seja por ignorância, ou de forma proposital, como um direito a “liberdade de agressão”.

Para além do que está disponível na literatura pertinente. Elliot e Turner (2012) apresentam o argumento de que a sociedade, tanto do ponto de vista teórico, quanto prático, é permeada por três conceitos relevantes: sociedade enquanto estrutura; sociedade no contexto da solidariedade e sociedade como processo criativo.

Diante disso, nossa compreensão é de que a estrutura social necessita da informação e da memória, como base de sua construção, nessa perspectiva, coube-nos investigar essas relações, de modo a compreender esses conceitos.

## **2 INFORMAÇÃO, SOCIEDADE E MEMÓRIA: considerações iniciais**

Ao tratarmos de assuntos como: informação, sociedade e memória, inevitavelmente, somos levados a considerar todas as relações possíveis entre diversas áreas. Neste sentido, temos a informação como elo entre a sociedade e a memória, uma vez que ambas, são produtoras e coprodutoras da primeira, atuando como um sistema, que se retroalimenta a medida em que, os sujeitos interagem.

Para tanto, é necessário compreender o conceito de informação, que dependendo do contexto, pode ter diversas interpretações, dentre as quais, optamos por considerar o entendimento de Buckland (1991), que atribui três aspectos importantes à informação, sendo eles: informação como processo, informação como conhecimento e informação como coisa. Diante dessa assertiva, o autor afirma que enquanto processo, a informação seria o agente transformador, ou seja, o principal ativo na construção do conhecimento do sujeito.

Já enquanto conhecimento, é parte do que chamamos de processo informacional, que ocorre quando existe a troca de mensagens, entre um emissor e um receptor, ocasionando assim, a comunicação. Quando vista como coisa, a informação está relacionada ao objeto manipulável, como documentos cujas informações já foram tratadas, quando o conhecimento passa de tácito, para explícito, conforme a espiral do conhecimento, de Nonaka e Takeushi (1997), sendo por essa razão, uma entidade tangível (BUCKLAND, 1991, p. 351).

Uma vez apresentado o entendimento sobre o que vem a ser informação, é preciso alinhar nossa compreensão do termo, ao conceito de sociedade. Para tanto, buscamos na Antropologia e na Sociologia, elementos para subsidiar nosso entendimento. Desta maneira, Castro nos diz que:

[...] em sentido particular, (uma) sociedade é uma designação aplicável a um grupo ou coletivo humano dotado de uma combinação mais ou menos densa de algumas das seguintes propriedades: territorialidade; recrutamento principalmente por reprodução sexual de seus

membros; organização institucional relativamente autosuficiente e capaz de persistir para além do período de vida de um indivíduo; distintividade cultural (CASTRO, 1999, p.184).

Por outro lado, Elliot e Turner (2012), apresentam uma noção de sociedade, mais complexa. De acordo com os autores, a compreensão do que vem a ser sociedade, tornou-se uma problemática, sobretudo, no contexto do debate público., uma vez, que “tal conceito vem sendo colocado sob suspeição por distintas tradições analíticas” (MARTINS, 2012, p.229). Dentre as quais, pode-se destacar,

[...] expressões como “morte da sociedade”, “fim do social”, “fragmentação do sistema social”, “implosão de formas de sociabilidade” tornaram-se frequentes nos debates acadêmicos atuais, de tal modo que a discussão sobre “sociedade” passou a ser um tema antiquado e enfadonho. Um sentimento de obsolescência a respeito do conceito espalhou-se em diferentes tendências do pensamento social contemporâneo. Pensadores e políticos conservadores consideram que a dinâmica das sociedades modernas produziu em seu interior forças sociais que desencadearam situações de aguda desordem coletiva, engendrou profundas discordâncias culturais, de tal forma que vem ocorrendo um contínuo e sensível colapso moral da vida coletiva. Nessa perspectiva, o conceito de sociedade não possui nenhuma significância intelectual para eles (MARTINS, 2012, p.229).

Considerando esse argumento, é inevitável pensar na Sociedade Líquida, de Zygmunt Bauman, onde as relações são efêmeras, os interesses individuais se sobrepõem ao coletivo, tornando a compreensão de coletividade, praticamente impossível.

Com relação ao termo memória, Barreto (2007, p.162) afirma, que esta é compreendida na confluência sujeito/cultura, o que amplia sua propriedade estática de conservar informações, imputando-lhe certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas. A esse respeito, os autores Silva, Cavalcante e Nunes (2018, p. 96), afirmam que,

[...] a memória, que já foi cultuada pelos gregos antigos como a deusa Mnemosine (LE GOFF, 2003), vem sendo resignificada pelos momentos de fluidez (BAUMAN, 2001) em que vivemos. Enquanto a informação está tão fortemente relacionada ao nosso cotidiano, a memória tem passado por um processo de “esquecimento”, como afirma Pierre Nora (1993).

Desta forma, pode-se inferir que a informação, enquanto matéria-prima do conhecimento, estaria diretamente atrelada a todos os processos sociais que perpassam a vida dos indivíduos, sendo responsável inclusive, pela construção das memórias, individuais, coletivas e institucionais.

## 2.2 OS TEMPOS LIQUÍDOS DE ZYGMUNT BAUMAN

Zygmunt Bauman, é um sociólogo polonês, de descendência judaica, autor de diversos livros, cujas obras trazem reflexões importantes, sobre aspectos sociais. Bauman cunhou termos como: modernidade líquida, liquefação. Para o autor, uma característica marcante da sociedade pós-moderna, são as “relações líquidas”, ou seja, as experiências

pessoais de cada indivíduo, que nascem sem uma identidade integrativa, os casais já não existem mais, enquanto parceiros e assim, seguem cada vez mais individualizados. Nessa fluidez, a vida de cada um estaria propensa a mudança.

Em *Tempos Líquidos*, Bauman elenca os cinco pontos de partida que embasam os aspectos marcantes, das relações na pós-modernidade, dentre as quais, ele destaca como sendo a primeira delas, é

[...] a passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida"- ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007, p.7).

No primeiro capítulo, que trata da vida líquido-moderna e seus medos, onde o autor trata da passagem de "sólida" para "líquida", os sujeitos passaram a ter suas identidades questionadas e suprimidas, diante das exigências de um comportamento socialmente aceitável, impossibilitando a conclusão de projetos de vida individuais, uma característica da pós-modernidade, onde tudo é efêmero, as relações são rasas e sem interesses de aprofundamento. Bauman (2007) argumenta nos diz que,

[...] se a ideia de 'sociedade aberta' era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepajada por forças que não controla nem entende totalmente (BAUMAN, 2007, p. 13).

Duque (2003), complementa dizendo que, o que caracteriza esse comportamento, dos sujeitos na sociedade pós-moderna, é o individualismo, que,

[...] apresenta-se como uma concepção de vida em sociedade, em oposição ao coletivismo e ao totalitarismo. Esta forma de estar em sociedade traduz-se através do egocentrismo, egoísmo, subjectivismo, etc. (Cabral, 1990). Esta forma de viver e de estar tem uma correspondência na vida sócio-cultural: aparecem disciplinas exclusivamente dedicadas à exploração do "eu" íntimo. Desemboca-se, assim, em aspectos estruturais da sociedade ocidental que estão na origem da emergência da autonomia individual: o capitalismo, o urbanismo moderno, a tecnologia e o pluralismo cosmovisional e ideológico (DUQUE, 2003, p.41).

Assim, a passagem da modernidade sólida, para líquida, é permeada pelo individualismo, pela fragilidade nas relações humanas e pela ausência de responsabilidade do estado, onde este, se isenta cada vez mais de seu papel social, deixando essa responsabilidade a cargo da iniciativa privada.

O segundo aspecto apontado por Bauman, retratado no capítulo: “A humanidade em movimento” diz respeito a “separação e o iminente divórcio” entre o poder e a política. Desta forma, o poder de ação, que antes era delegado ao estado, moderno, passa a se afastar cada vez mais, indo de encontro aos interesses globais. De acordo com Bauman,

[...] a ausência de controle político transforma os poderes recém-emancipados numa fonte de profunda e, em princípio, incontrolável incerteza, enquanto a falta de poder torna as instituições políticas existentes, assim como suas iniciativas e seus empreendimentos, cada vez menos relevantes para os problemas existenciais dos cidadãos dos Estados-nações e, por essa razão, atraem cada vez menos a atenção destes (BAUMAN, 2007, p.8).

Ainda a esse respeito, Duque (2003), complementa apontando as principais características dessa sociedade, onde o estado ausenta-se cada dia mais de suas responsabilidades, moldando uma nova identidade, antes individual, mas, que agora passa a ser coletiva, sendo elas:

a) As ações são construídas, a partir de um estilo de pensamento formal, uma mentalidade funcional, um comportamento austero e disciplinado e umas motivações morais autónomas, conjuntamente com uma forma de organizar a sociedade à volta da instituição económica e da burocracia estatal; b) A economia é um centro produtor de relações sociais, enquanto que no passado era a religião. Agora esta é, cada vez mais, relegada para a esfera do privado; c) Surge uma visão do mundo (cosmovisão) descentrada, dessacralizada e pluralista. Surge o relativismo e questiona-se a possibilidade de uma verdade – esta expressão, como vamos ver, é exagerada na pós-modernidade. Vive-se numa sociedade do politeísmo de valores; d) Uma razão que mostra as suas várias dimensões ou esferas (ciência, moral, arte) demasiado autónomas. Cada vez se torna mais impossível a unificação destas três realidades; e) Uma destas dimensões da razão, a científico-técnica, adquire uma preeminência social que tende a obscurecer as outras dimensões da razão. Deste modo, a razão tende a confundir-se com a racionalidade científico-técnica; f) A identidade social está configurada por duas instituições: a técnico-económica e a burocrático-administrativa; g) Faz parte desta identidade apresentar um tipo de homem e mulher ansiosos pela sua autonomia individual, mas com ambivalentes manifestações de hiper-individualismo narcisista (DUQUE, 2003, p.42).

Como terceiro elemento, Bauman, representado no capítulo: “Estado, democracia e a administração dos medos”, o autor destaca a retração ou redução gradual dos laços inter-humanos, que nas palavras do autor, antes faziam parte de uma rede de segurança ampla e de contínuo investimento de tempo e esforço. Mas, que com o passar dos anos, deu lugar ao medo, a insegurança, a falta de confiança no outro. A esse respeito, o autor conclui, que:

[...] a variedade moderna de insegurança é caracterizada distintivamente pelo medo da maleficência e dos malfeitores humanos. Ela é desencadeada pela suspeita em relação a outros seres humanos e suas intenções, e pela recusa em confiar na constância e na confiabilidade do companheirismo humano, e deriva, em última instância, de nossa inabilidade e/ou indisposição para tornar esse companheirismo duradouro e seguro, e, portanto, confiável (BAUMAN, 2007, p.63).

Nesse aspecto, percebe-se que a sociedade passa a ser compreendida, mais como uma “rede” do que como uma “estrutura”. Sendo vista como um emaranhado de possibilidades, na maioria das vezes desconexas e aleatórias.

Em quarto lugar, no capítulo: “Fora de alcance juntos”, Bauman (2007) apresenta a falência do pensamento, da capacidade de planejar as ações a longo prazo, bem como, o enfraquecimento das estruturas sociais nas quais, as ações poderiam ser pensadas com antecedência, acarretando no desmembramento da “história política e das vidas individuais”, levando a uma série de planos de curto prazo, sem sustentação, ou seja, sem a maturação necessária, para que possam ser eficazes. Desta forma, os lugares ditos “urbanos”,

[...] onde a elevada densidade da interação humana coincidiu com a tendência de o medo nascido da insegurança buscar e encontrar escondouros e objetos sobre o qual se possa descarregar - embora essa tendência nem sempre tenha sido a característica distintiva desses lugares (BAUMAN, 2007, p.77).

Esses lugares urbanos, passaram a ser vistos como ambientes perigosos, repletos de insegurança, onde os lares se assemelham mais a grandes presídios, do que a ambientes de aconchego e sossego. Dessa maneira,

[...] pode-se dizer que agora as fontes do perigo se mudaram quase totalmente para áreas urbanas e lá se estabeleceram. Amigos- mas também inimigos, e acima de tudo os esquivos e misteriosos estrangeiros que vagueiam ameaçadoramente entre os dois extremos - agora se misturam e caminham lado a lado nas ruas das cidades. A guerra contra a insegurança, e particularmente contra os perigos e os riscos à segurança pessoal, agora é travada dentro da cidade, onde se estabelecem os campos de batalha urbanos e se traçam as linhas de frente (BAUMAN, 2007, p.79).

Fratarri (2009, p.8), complementa dizendo que, “o espaço antes que uma mera localização física é o locus geográfico da ação, e ao mesmo tempo a possibilidade de engajar-se na ação”. O que significa dizer, que em virtude das mudanças acarretadas pelos fenômenos da globalização, bem como, os efeitos devastadores do medo provocado pela violência urbana, fazem com que os indivíduos percebam inimigos em potencial, em todas as pessoas.

O que para Mardones (1996, p.108), ocorre em virtude da globalização, ser um “complexo fenômeno constituído por uma mistura de processos não carentes de

contradições, mas que, no conjunto, produzem um forte impacto no contexto da experiência social”.

Desta forma, os espaços que deveriam ser coletivamente ocupados e bem aproveitados, tornam-se cada vez mais, lugares de solidão e medo.

O quinto e último ponto elencado por Bauman, diz respeito a “Utopia na era da incerteza”, que está relacionada a responsabilidade em resolver os problemas provocados por situações de grande instabilidade, que independem da vontade do indivíduo.

As realidades apresentadas como "realizações" de utopias se revelaram, com muita frequência, feias caricaturas de sonhos, e não o paraíso sonhado. A irresistível razão para "içar velas" novamente era uma aversão ao que tinha sido feito, em lugar da atração do que ainda se poderia fazer (BAUMAN, 2007, p.101).

O fato é que de alguma forma, as utopias foram responsáveis por mover as pessoas do estado de inércia. Apesar de toda a incerteza em relação ao futuro e se teremos um futuro, diante de tantas questões sem respostas, a utopia nos leva a imaginar melhores cenários, um desejo de uma vida melhor, de um mundo possível de se viver em paz, com os outros e com nossa própria consciência.

### **2.3 POR UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO A CONSCIÊNCIA UNIVERSAL: a percepção de Milton Santos**

A obra referenciada por esse estudo, está dividida em seis partes, sendo elas uma Introdução geral, onde Milton Santos apresenta O mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade. No segundo capítulo, ele traz A Produção da Globalização. Que é complementada no capítulo seguinte, em Uma Globalização Perversa, neste capítulo, o autor retrata todas as nuances que caracterizam esse fenômeno.

No quarto capítulo, intitulado: O Território do Dinheiro e da Fragmentação. Seguido pelos “Limites da Globalização Perversa”. E por fim, “O Território do Dinheiro e da Fragmentação”.

Quando compara o fenômeno da globalização a uma fábula, Milton nos traz discursos embasados em hipocrisias e pensamentos ilusórios, onde as ações humanitárias, são o cerne das atividades sociais. Idealizando assim, o que ele chama de “conto de fadas das nações”. Possível em virtude dos avanços tecnológicos.

Ao afirmar que vivemos “num mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2001, p. 17), o autor nos fala sobre o progresso científico e das técnicas desenvolvidas, para se chegar a produção de novos materiais artificiais.

Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes. E a maneira como, sobre essa base material, se produz a história humana que é a verdadeira responsável pela criação da torre de babel em que vive a nossa era globalizada (SANTOS, 2001, p. 17).



Quando comparada a uma fábula, a globalização traz elementos fantasiosos, que dão margem a diversas interpretações, dentre as quais, podemos destacar a ideia de uma economia global, justa, capaz de oferecer mercadorias e serviços igualmente acessíveis, para todas as pessoas. Uma utopia de igualdade em termos de consumo, onde as diferenças mundiais e locais, não são consideradas, surgindo assim, os mitos, da existência de uma aldeia global, da contração do espaço-tempo e da desterritorialização, por exemplo.

Para Zaoual (2003), quanto maior a ideia de crescimento global, maior o sentimento do local. Talvez pelo fato da globalização, em seu objetivo de transformar o mundo em grande comércio, provocar nas pessoas, a sensação de insegurança e incerteza.

Outra perspectiva da globalização como fábula, é a percepção do mundo tal como ele é, onde Milton Santos, retrata o caráter perverso desse fenômeno. A esse respeito, o autor revela que,

[...] para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes (SANTOS, 2001, p.19).

Nessa perspectiva, o caráter perverso da globalização apresenta dois tipos de violência, sendo a primeira delas, a tirania da informação, expressada a partir da forma como a informação é disseminada e a segunda, é a tirania do dinheiro, que seria a válvula motriz da economia e conseqüentemente da sociedade. Tais violências seriam a base um novo tipo de totalitarismo. Antolini e Rebouças (2015, p.13), complementam dizendo que,

[...] a informação, da forma como é divulgada no mundo globalizado, não pode ser considerada veraz, uma vez que é intermediada pelas grandes empresas de mídia. Essas grandes e poucas empresas são responsáveis por intermediar o processo comunicativo no mundo, decidindo quais informações e de que forma elas serão difundidas.

O terceiro aspecto, trata da globalização como possibilidade, ou o mundo como ele pode ser. Milton traz uma percepção mais dos fenômenos da globalização, um pouco de esperança, uma vez já dispomos de ferramentas capazes de transformar a realidade. É o que Milton Santos chama de “uma outra globalização”.

Milton Santos nos lembra o tempo todo que a “globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (2001, p.23).

Em outros termos, a sociedade capitalista repousa sobre a produção incessante de necessidades, a partir da necessidade central do capital a valorização do valor. Tais necessidades quer emanem do estômago ou da fantasia estão recobertas pela forma de coisas disponíveis como mercadorias. Desse ponto de vista, a sociedade capitalista atua suprimindo a liberdade e aprofundando o terreno da necessidade (FONTES, 2017, p.409).

De acordo com Milton, existem quatro fatores que ajudam a explicar a disposição da atual globalização, são eles: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada.

Nesse sentido, as técnicas surgem como sistemas, ao longo da História, não existe apenas uma técnica isolada para resolver determinado problema. Um exemplo marcante em nossa era, é a chegada da técnica da informação, através da informática, das tecnologias de informação e comunicação. Que proporcionou maior rapidez nos processos comunicacionais, eliminando barreiras geográficas, envolvendo a partir de suas técnicas, o planeta como um todo (ANTOLINI; REBOUÇAS, 2015).

Com a globalização e por meio da empiricização da universalidade que ela possibilitou, estamos mais perto de construir uma filosofia das técnicas e das ações correlatas, que seja também uma forma de conhecimento concreto do mundo tomado como um todo e das particularidades dos lugares, que incluem condições físicas, naturais ou artificiais e condições políticas (SANTOS, 2001, p.33).

De modo que já não importa de que forma percebemos a associação entre a tirania do dinheiro e a tirania da informação, ambas irão conduzir à aceleração dos processos ideológicos e hegemônicos, que legitimam a ação do "pensamento único", enquanto os demais processos acabam por ser deglutidos ou se adaptam passiva ou ativamente, tornando-se hegemônicos (SANTOS, 2001, p.35).

Diante disso, Antolini e Rebouças (2015), asseveram que no mundo globalizado, as pessoas passam a ter seu processo de formação, mediado pela mídia, pautada no uso de informações voltadas, quase que exclusivamente para os interesses privados, ou seja, no lucro.

Outra grande característica da chamada "globalização perversa, é a manipulação de dados e o controle de grandes corporações midiáticas. Tendo a informação forte protagonismo na alienação, uma vez que permite aos atores hegemônicos, acessar um grande conglomerado de pessoas, a partir da exploração da ignorância e das misérias humanas. Nesse sentido, Zaoual complementa, dizendo que,

todas as experiências de luta contra a miséria do mundo mostram que quem detém o discurso sobre uma situação apropria-se do poder de influenciar o percurso dele e de colher os efeitos dinamizadores, tanto do ponto de vista de seu conhecimento quanto do de sua legitimidade simbólica (ZAQUAL, 2003, p.76).

O discurso apontado a que se refere o autor, nada mais é que a manipulação da informação, o que a transforma inevitavelmente, num instrumento de tirania. Conforme esclarece Santos (2001, p.39), ao afirmar que o que "é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde".

No capítulo "o território do dinheiro e da fragmentação", Milton Santos, aborda a questão do território e dos efeitos da globalização no espaço geográfico, que adquire novas características, contornos e definições. Nesta parte do texto, percebe-se que a eficácia das ações, está diretamente relacionada à localização. Para Théry,

As relações entre globalização e territorialidade são contraditórias, parecem ao mesmo tempo negar o território e reforçá-lo. Por um lado, parece que a competição generalizada entre todos os territórios do mundo, graças à facilidade de circulação das mercadorias, dos capitais e das informações, os coloque todos no mesmo plano. Mas por outro lado reforça a territorialidade, pela demanda de produtos “enraizados”, especialmente nas agroindústrias. O território torna-se, cada vez mais, uma mercadoria, que se “vende” pelo consumo sobre in loco ou à distância, e a globalização induz, ao mesmo tempo, uma desterritorialização e uma reterritorialização do mundo.

Neste caso, a compartimentação de territórios ocorria através da política dos Estados e por não disporem de nenhum tipo de tecnologias da informação as práticas políticas e econômicas eram mais territoriais, por isso havia a preservação e o respeito aos costumes e a cultura local.

A parte do livro que trata dos “limites de uma globalização perversa”, traz mais uma vez à tona, a questão das técnicas, fortemente impactadas, em virtude dos processos de globalização, conforme ressalta Santos (1994, p. 9).

Ontem, a técnica era submetida. Hoje, conduzida pelos grandes atores da economia e da política, é ela que submete. Onde está a natureza servil? Na verdade, é o homem que se torna escravizado, num mundo em que os dominadores não se querem dar conta de que suas ações podem ter objetivos, mas não têm sentido. O imperativo da competitividade, uma carreira desatinada sem destino, é o apanágio dessa dissociação entre moralidade e ação que caracteriza a implantação em marcha da chamada "nova ordem mundial", onde os objetivos humanos e sociais cedem a frente da cena, definitivamente, a preocupações secamente econômicas, com o papel hoje onímodo da mercadoria, incluindo a mercadoria política [...].

Nesse sentido, a ideologia das beneficias da globalização, inicialmente, se propunha a melhorar a vida humana, em termos, sociais, econômicos e políticos. Contudo, esse discurso não prosperou, haja visto, ter sido evidenciado o aumento da escassez. Que pode ser justificada em virtude da velocidade, não ser um bem,

[...] que permita uma distribuição generalizada, e as disparidades no seu uso garantem a exacerbação das desigualdades. Ávida cotidiana também revela a impossibilidade de fruição das vantagens do chamado tempo real para a maioria da humanidade. A promessa de que as técnicas contemporâneas pudessem melhorar a existência de todos caem por terra e o que se observa é a expansão acelerada do reino da escassez, atingindo as classes médias e criando mais pobres (SANTOS, 2001, p.118).

Assim, considerando que tanto os objetos, quanto as ações humanas derivam das técnicas, considerando ainda, que estas estão por toda parte e se disseminaram de forma rápida e vertiginosa, podemos confirmar sua presença, na produção, no território, na circulação, na cultura, na política entre outros aspectos.

Santos (2001) complementa ainda, apresentando três tendências da contemporaneidade, sendo elas: a produção acelerada e artificial de necessidades, ou seja, a produção em larga escala, onde as pessoas são levadas ao consumo, sem que haja necessidade; A incorporação limitada de modos de vida racionais, ou seja, a imposição de uma forma “adequada” de agir, falar e até pensar. E finalmente, a produção ilimitada de carência e escassez, pois uma vez que as grandes indústrias produzem e lucram em larga escala, uma grande parcela da população, fica cada vez mais pobre, aumentando a miséria e criando os “possuidores” e os “não possuidores” (SANTOS, 2001).

Por fim, o autor fala da “transição em marcha”. Cujas características do novo sistema, podem estar passando despercebida, sobretudo, para a geração mais nova. Nesse contexto, tanto a informação, quanto o dinheiro tornam-se vilões, talvez porque, para a maioria da população, ambos sejam inacessíveis. E a medida em que o progresso técnico é evidenciado e aproveitado por uma pequena parcela, em benefício próprio. Como consequência disso, tem-se maior empobrecimento das massas, uma competitividade exacerbada, falta de assistência do estado em relação a coletividade. Mas apesar de tudo isso, Milton Santos acredita que há esperança de se construir um mundo menos excludente.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, de natureza qualitativa. Marconi e Lakatos (2012, p. 171) definem pesquisa exploratória, como “[...] investigações de pesquisa cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos”.

Quanto a natureza qualitativa, o principal objetivo é proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito, descrevendo características de determinada população ou fenômeno (GIL, 1999).

O procedimento escolhido para a análise dos dados, foi a técnica de análise de conteúdo, de autoria de Bardin (2004). Essa técnica de análise, permite categorizar as unidades de contexto (palavras ou frases) nas citações que se repetem, deduzindo uma expressão que as represente.

Com o intuito de definir o conceito de Informação, Sociedade e Memória a partir dos livros, “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” de Milton Santos e “Tempos Líquidos”, de Zygmunt Bauman, estabelecemos as categorias, previstas pela análise de conteúdo.

#### **3.1 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

Conforme dito anteriormente, a coleta dos dados deu-se por meio da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2010). Que ocorre em três etapas, quais sejam: I- Pré-análise: fase correspondente à organização do material a ser trabalhado na pesquisa. Essa etapa teve início ainda na proposta de elaboração do artigo, a partir do levantamento do material bibliográfico.

Nessa fase, foram realizados fichamentos dos dois artigos selecionados para elaboração do mapa de conceitos. As citações foram anotadas e os termos que mais se repetiam dispostos em planilha, conforme a proposta da Análise de Conteúdo, que utilizou a leitura analítica como instrumento para validar este estudo.

A segunda etapa da análise do material seguiu os seguintes passos: II- A exploração do material. É a fase em que os dados brutos do material coletado são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto (BARDIN, 2004, p.32). Para viabilizar a análise do material, mapeamos as citações que tratavam da temática de nosso interesse, no intuito de compatibilizar as categorias/termos que mais se repetiram nos dois artigos.

A fase III da análise de conteúdo, – Interpretação e inferência: nesta etapa, os procedimentos adotados envolveram o recorte das citações dos artigos referentes aos elementos constituintes do conceito de Informação, Sociedade e Memória. Deste modo, a etapa final da análise de conteúdo, trata da interpretação e à inferência dos resultados obtidos.

Nesta análise considerou-se os termos que se repetiram por mais de cinco vezes. Para melhor compreensão, organizamos os termos em ordem alfabética, considerando a ordem de leitura dos textos. Na disposição, aparecem Bauman na primeira coluna, Milton Santos, na segunda. E na terceira coluna, aparece a compatibilização dos termos comuns aos dois autores.

O resultado da compatibilização dos termos resultou na elaboração do mapa conceitual disposto no próximo capítulo. Para melhor compreensão, organizamos os dados no Quadro 1.

**Quadro 1 – Categorização dos textos de Bauman (2007) e Milton Santos (2001)**

Categoria Tempos Líquidos	Nº de vezes	Categoria Por uma outra globalização	Nº de vezes	Compatibilização
Capitalismo	18	Comércio	12	Comércio
Comércio	8	Compartimentação	41	Comunidade
Comunidade	16	Competitividade	42	Cultura
Cultura	20	Comunidade	77	Desordem
Desmantelamento	12	Cultura	7	Estado
Desordem	48	Desordem	30	Globalização
Estado	10	Dinheiro	48	Identidade
Globalização	8	Empresas globais	46	Individualismo
Guerra	13	Espaço geográfico	40	Informação
Identidade	25	Estado	11	Medo
Individualismo	17	Fragmentação	40	Mercadorias
Informação	50	Globalização	11	Pobreza
Injustiça	7	Identidade	23	Sociedade
Justiça	7	Individualismo	70	Memória
Medo	14	Informação	83	
Memória	45	Inteligência global	50	
Mercadorias	6	Medo	29	
Migrantes	22	Memória	67	
Miséria humana	7	Mercadorias	51	
Pobreza global	19	Pobreza	9	
Refugiados	21	Políticas	47	
Sabedoria	29	Sociedade	72	
Social	12	Solidariedade	47	
Sociedade	59	Técnica	32	
Utopia	52	Tecnociência	32	

Vida líquida	32	Território	31
Vigilância	8	Tribos	40

Fonte: Autoria própria, 2022.

Dentre os termos que mais se repetiram na primeira coluna, sociedade aparece 59 vezes, seguido por utopia 52, mercadorias 51, informação 50, memória 45, desordem 48, vida líquida 32 e os termos com mais de 20 repetições, que são: ajuda humanitária, identidade, refugiados, cultura e sabedoria.

Na segunda coluna, temos informação com 83 repetições, seguido de comunidade com 77, sociedade 72, individualismo 70, memória 67, mercadoria 51, inteligência global 50, dinheiro 48, solidariedade e políticas 47, empresas globais 46, competitividade 42, compartimentação 41, espaço geográfico, tribos e fragmentações, ambos com 40. Técnica, tecnociência e capitalismo 32, território e capital 31, desordem 30, medo 29, identidade 23, seguido dos termos com mais de 20 aparições.

A partir da organização dos termos que mais se repetiram na tabela 1, chegamos à compatibilização dos termos comuns ao livro de Bauman e de Milton Santos, bem como conseguimos identificar elementos novos.

No Quadro 2, estão dispostos os termos distintos aos textos trabalhados nesse artigo. Com base nas palavras que mais se repetiram, chegamos ao seguinte resultado:

**Quadro 2 – Elementos distintos aos dois textos**

Categoria Tempos Líquidos	Nº de vezes	Categoria Por uma outra globalização	Nº de vezes
Ajuda humanitária	24	Compartimentação	41
Desmantelamento	12	Competitividade	42
Guerra	13	Dinheiro	48
Injustiça	7	Empresas globais	46
Justiça	7	Espaço geográfico	40
Migrantes	22	Fragmentação	40
Miséria humana	7	Inteligência global	50
Refugiados	21	Políticas	47
Sabedoria	29	Solidariedade	47
Social	12	Técnica	32
Utopia	52	Tecnociência	32
Vida líquida	32	Território	31
Vigilância	8	Tribos	40

Fonte: Autoria própria, 2022.

Em Tempos Líquidos, o termo utopia apareceu 52 vezes, fazendo alusão a uma sociedade ilusória, onde a vida líquida, é permeada medo, injustiça e miséria humana. Bauman (2007, p.7) revela que,

[...] em primeiro lugar, a passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida"- ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido

que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam [...].

A sociedade retratada por Bauman, é marcada pelo desmantelamento social, onde a separação e o iminente divórcio entre o poder e a política, sendo cada vez mais tratada como uma rede, ao invés de uma estrutura, capaz de inúmeras conexões aleatórias. (BAUMAN, 2007).

Ressaltamos que tais elementos, não fundamentaram o conceito ao qual nos propusemos desenvolver, contudo, são elementos importantes para subsidiar a compreensão de sociedade contemporânea, marcada por guerras, tecnologia, técnica, fragmentação, competitividade e inteligência global, conforme nos diz Milton Santos.

Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada (SANTOS, 2001, p.24).

Nessa perspectiva, elaboramos um mapa com os conceitos de “Informação, Memória e Sociedade”, afim de analisar estas categorias à luz das obras de Sigmund Bauman e Milton Santos. Assim, o mapa conceitual originado a partir das categorias elencadas, resultou do estudo de compatibilização dos termos comuns aos textos analisados.

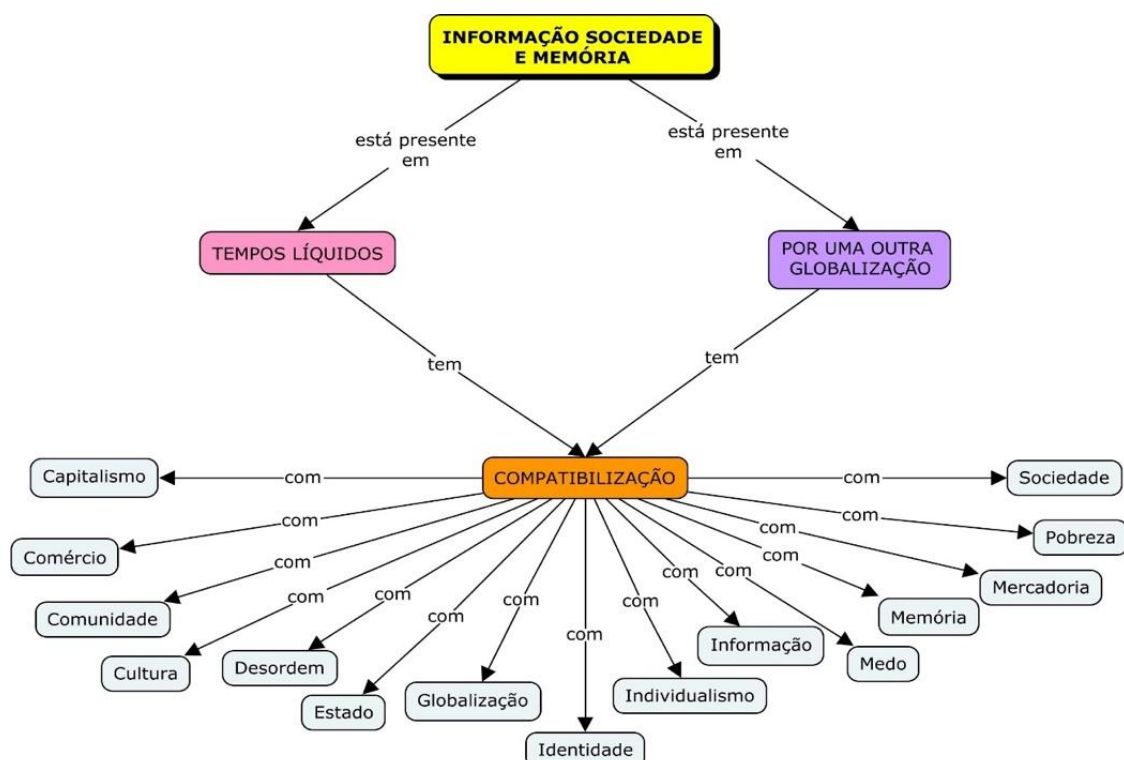


Figura 1 – Mapa Conceitual Informação, Memória e Sociedade

Fonte: Autoria própria, 2022

Os termos comuns aos dois textos, analisados nesse estudo são: Capital, capitalismo, comércio, comunidade, cultura, desordem, estado, globalização, identidade, individualismo, informação, medo, memória, mercadorias, pobreza e sociedade.

Os termos aqui elencados nos ajudaram a compreender que a sociedade atual, é marcada pelo uso massivo da informação, base fundamental para construção de conhecimento e memórias.

Por esta razão, a disciplina ofertada pelo PPGCI/UFPB, ajudou a ampliar a percepção de mundo e chegar a conclusão de que a informação é o elemento fundamental no processo de globalização e que o uso inadequado desta, aumenta a sensação de insegurança e desordem social. Haja vista, o caráter individualista da sociedade contemporânea.

Assim, a construção da identidade, dá-se a partir do conhecimento da cultura local, bem como da ideia de pertencimento. Por outro lado, as ações violentas do estado, bem como sua tentativa de eximir de certas responsabilidades, conduzem a comunidade a uma vida baseada no medo, já que uma característica marcante, é a internacionalização do capital financeiro, através da comercialização de mercadorias, produtos e serviços, gerados por grandes empresas multinacionais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar as categorias Informação, Sociedade e Memória tomando como terreno analítico os textos, Tempos Líquidos de Bauman (2007), bem como o texto Por uma outra globalização do pensamento único a consciência universal, de Milton Santos (2001). Observou-se que estes de algum modo fundamentam-se em categorias macro como Capital, capitalismo, comércio, comunidade, cultura, desordem, estado, globalização, identidade, individualismo, informação, medo, memória, mercadorias, pobreza e sociedade.

Tais aspectos, conduz-nos ao entendimento de que o fenômeno da globalização, possivelmente, traz consigo uma significativa carga de incerteza que se revela pela sensação de insegurança e medo nos indivíduos, conforme demonstrado por Bauman (2007), as injustiças que formam os modelos de justiça, considerados limitados pelo autor, que nos explica que ainda vivemos em uma sociedade limitada e aprisionada aos medos que ela própria constrói, a partir dos estereótipos que cria para si e para os seus. Tornando-nos reféns de medo de diversas ordens, aprisionados em mansões e carros blindados, mas sem nenhuma perspectiva de melhoria desse cenário.

A partir dos argumentos de Bauman, compreendemos que um traço marcante da globalização, é o fato das pessoas estarem cada vez mais presentes nas redes sociais, porém, cada dia mais isoladas em suas fortalezas, tentando fugir da violência, criando mundos particulares, com uma mentalidade consumista, individualizada. Com relações efêmeras, líquidas e sem envolvimento.

Ao mesmo tempo, Milton Santos afirma que vivemos em mundo confuso e confusante, marcado por um mercado global, cada vez mais capitalista que afasta os indivíduos de sua humanidade, trazendo à tona o pior das pessoas. Conforme demonstra Milton Santos (2001, p.20), ao afirmar que a maior parte da humanidade globalizada está se impondo como uma fábrica de perversidades. Resultado da evolução da negativa da humanidade que parecer estar presa em ciclo vicioso de vaidades, competitividade exacerbada e inversão de valores básicos, como o princípio do respeito a vida, a dignidade, moradia, alimentação, educação e segurança.

Diante das discussões em sala de aula, e a partir da análise dos textos de Bauman e Milton Santos, concluímos que apesar da globalização ser um fenômeno aparentemente inevitável, é perceptível que este é um evento que pode ser considerado o divisor de águas do mundo capitalista,



tendo a informação como uma das moedas de troca, sendo ela, um elemento poderoso, capaz de alterar as configurações da sociedade.

Assim, com a chegada da internet, o acesso rápido e praticamente ilimitado as informações, além da capacidade de utilizá-la de modo pejorativo, no intuito de manipular e obter vantagens, o elemento informação, que surge em todas as categorias, elencadas nesse estudo, apresenta-se como sendo, a mola propulsora da história recente de muitos países, representando o que Milton Santos chama de: mais-valia globalizada.

## REFERÊNCIAS

ANTOLINI, M. C. REBOUÇAS, Edgard. Globalização e tirania da informação: a formação de cidadãos na democracia neoliberal. **Revista Passagens**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 6-19, 2015.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, Â. M. Memória E Sociedade Contemporânea: Apontando Tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul./dez., 2007.

BUCKLAND, M. K. Information as Thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991

CABRAL, R., Individualismo, *In*: **Logos**, Lisboa / São Paulo: Verbo, 1990.

CASTRO. E. V. de. O Conceito De Sociedade Em Antropologia: Um Sobrevôo. **Teoria & Sociedade** 5, junho de 2000.

DUQUE, E. J. A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-hipotético", **Cadernos do Noroeste**, 2003.

ELLIOT. A.; TURNER. B. **On society**. Cambridge: Polity Press, 2012. 196 p.

FONTES, V. Capitalismo, crises e conjuntura. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 130. p. 409-425. Set.-Dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/D6NmRJcx4Z98gmSSp4cCwLy/?lang=pt>>. Acesso em: 08 de dez. 2022.

FRATTARI, N. F. **Insegurança** [manuscrito]: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia. Orientadora: Dalva Maria Borges de Lima Dias deSouza. 2009. Dissertação [Mestrado em Sociologia]. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1596>>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARDONES, J. M., ¿Adónde va la Religión? Cristianismo y religiosidad en nuestro tiempo. Santander: Sal Terrae, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2012.

MARTINS, C. B. Em defesa do conceito de sociedade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28 n. 82, 2012.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SANTOS, M. **Técnica espaço tempo** – Globalização e meio técnico científico-informacional. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, A. P. C. da.; CAVALCANTE, L. E.; NUNES, J. V. Informação e Memória: aproximações teóricas e conceituais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 23, n. 52, p. 95–106, 2018. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v23n52p95. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v23n52p95>. Acesso em: 9 de dezembro. 2022.

THÉRY, H. Globalização, Desterritorialização e Reterritorialização. **Revista da ANPEGE**. v. 4, 2008.

ZAOUAL, H.: **Globalização e Diversidade Cultural**. São Paulo: Cortez, 2003.